

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

A Promessa da Nova Aliança

*realizada pela vontade do Pai
e o amor do Espírito Santo
mediante a Encarnação do Verbo
no seio da Virgem Branca
da Encarnação,
e perpetuada
na Santa Mãe Igreja
durante todos os tempos*



Editorial Eco de la Iglesia

4-2-1971

A PROMESSA DA NOVA ALIANÇA

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 7-3-2004

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»
«VIVENCIAS DEL ALMA»
«FRUTOS DE ORACIÓN»

1ª Edição espanhola: Diciembre 1999
© 2004 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

LA OBRA DE LA IGLESIA

ROMA - 00149	MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90	C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44	Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-56-6
Depósito legal: M. 48.249-2007

Ó Sabedoria do Imenso Poder, que transcendes o entender do homem à distância infinita, e que mostras, com um querer da tua vontade, os prodígios mais insuspeitados para nossa mente acostumada ao egoísmo e à pequenez de nosso ser e atuar...!; Sabedoria infinita, que esplendorosamente descobres a infinidade do teu amor em promessas divinas e eternas de doação e entrega...!

Ó Esplendidez esplêndida da Luz incriada, que avassalas com o sopro da tua boca a escuridão das trevas, e que mostras, em resplendores de luz eterna, os refulgentes e cintilantes sóis de tua infinita sabedoria...! Quando a tua luz invade meu ser com um cintilar das tuas infinitas pupilas, minha pobre alma cai adorante por terra, num êxtase de rendição total que, delirante de amor, faz-me transbordar em resplendores refulgentes de amorosa sabedoria.

Que impotência a da minha língua criada, para expressar o que meu ser concebe do mistério de Deus em si e pleno de comunicações

eternas em doações a nós...! Palavra infinita da eterna Sabedoria, dá-me, neste dia, romper eu em palavra e dizer algo, em balbucio criado e pequenino, do que minha alma entendeu de teu mistério!

Ó impotência do meu limitado expressar, que não sabe romper o segredo que encerro, que não me deixa expor a profundidade transcendente do que concebo, e que me tem lutando diante da luz do Eterno Sol, que, iluminando meu ser, impulsiona-me a expressar, como possa, o que entendo...!

E a minha mente, cada vez mais clarificada ao ir penetrando minuto por minuto mais profundamente no mistério da Aliança de Deus com o homem, sente-se cada vez mais impotente para dizer este mistério indizível de doação imensa, que o Infinito realizou entre Ele e a sua criatura.

Hoje, o impulso do Eterno, na força abrasadora do Espírito Santo, fazendo brotar abundantes rajadas de luz que repletam minha mente, impele irresistivelmente meu coração para que, rompendo em palavra, expresse como possa a filigrana do Criador para a criatura em romance de amor.

Hoje fervem, na profundidade do meu ser, resplendores do Infinito Sol, que, refulgentes de luz, clarificam meu entendimento para com-

prender, no meu limitado entender, a profundidade transcendente dos planos de Deus em comunicação para o homem.

Se eu fosse poesia
e pudesse decifrar
o mistério que Deus vive
na profundidade transcendente
de sua eterna caridade...!

Se eu fosse poesia
para poder expor
a doação infinita
do infinito Poder...!

Mas sou pobre e não posso
expressar, no meu expressar,
o mistério que concebo
de infinita caridade.

Hoje meu coração se agita
e me palpita no peito
diante da luz infinita
do infinito Mistério.

Deus criou o homem olhando-se no que a Ele faz ser Deus, na razão intrínseca da sua mesma subsistência divina: «Façamos o homem à nossa imagem e segundo a nossa semelhança»¹.

¹ Gn 1, 26

Criou-o, no impulso do seu amor infinito, para que entrasse no banquete esplendoroso do seu festim eterno, e participasse, na intimidade de família e comunicação de lar, na dita transcendente e infinitamente gloriosa do seu mesmo gozo.

Deus criou o homem para que fosse Deus por participação na companhia de lar de sua Trindade infinita; para que conhecesse seu ser eterno com a mesma luz da sua infinita sabedoria; e para que, sendo palavra na Expressão Canora das suas coeternas perfeições, soletrasse com o Verbo o concerto infinito que, num estouro de plenitude, de vida, de perfeição, de riqueza, de beleza, de formosura, Ele *se é* em si, no senhorio infinito do seu *ser-se* Palavra.

Criou-o para que, entrando no gozo da sua eterna perfeição, se engolfasse nas chamas refrigerantes do Espírito Santo, e, impulsionado na sua caridade e impelido no seu fogo, delirante e saturado de amor, entrasse na profundidade repleta, recôndita e eterna da vida infinita: «Desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é»² «e assim somos transformados à sua imagem, com uma gloria cada vez maior»³.

² 1 Jo 3, 2

³ 2 Cor 3, 18

Deus criou o homem... Deus criou o homem... Ó, como criou Deus o homem...! Tão maravilhoso, tão grande, tão esplendoroso, que lhe deu a possibilidade de possuí-lo com o gozo que Deus mesmo goza em si, de saboreá-lo com a Sabedoria com que Ele mesmo se contempla, de expressá-lo com a sua mesma Palavra e amá-lo com o fogo letificante do mesmo Espírito Santo, tendo por graça, em participação, o que Deus tem por natureza. «Nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina»⁴.

Ó, como criou Deus o homem...! Minha mente se perde diante da consideração avassaladora desta realidade.

Mas o homem, numa loucura imperdoável, numa insensatez incompreensível e numa inconseqüência total, voltando-se contra Deus que o fizera «à sua imagem e semelhança»⁵, que lhe dera seus dons, suas riquezas e suas promessas, que o criara olhando-se no que a Ele faz ser Deus em sua subsistência infinita, razão de ser da sua mesma Divindade, e que lhe dera possibilidade de entrar em seu mesmo gozo, em sua mesma felicidade e na comu-

⁴ 2 Pd 1, 4

⁵ Cf. Gn 1, 26

nicação ditosíssima do seu mesmo festim, lhe diz «não».

Esse homem, que era a manifestação do deramamento esplendoroso do poder de Deus ao criá-lo, na soberba da sua insensatez, como Lúcifer, revela-se contra o seu Criador...!

Ó Senhor...! Mas se te vejo cheio de majestade e formosura...! Mas, se te vejo em teu ser subsistente por Ti mesmo, majestoso e infinito, *sendo-te* o que *te és*, em plenitude repleta e saturação total, sem necessitar nada que não sejas Tu em Ti, por Ti e para Ti...!

Ó Senhor...! Ó Senhor...! Se te contemplo dizendo-te a Ti mesmo pelo Verbo, num dizer sem palavras, num expressar sem conceitos, num soletrar sem letras e numa expressão que é *estarto sendo* em sabedoria de expressão amorosa e infinita: «Eu sou aquele que *me sou*»⁶ por mim mesmo! E *mo sou sendo-me* na plenitude plena da minha potencialidade absoluta, sem nada nem ninguém que me dê, nem que me tire, nem que me ponha.

Ó Senhor...! E vejo que, olhando-te no que *te és*, crias criaturas que, por Ti, sejam à imagem do teu *ser-te* incriado e infinito; não só para que sejam por participação o que Tu és, mas

⁶ Cf. Ex 3, 14

para que, gozando no que és e pelo que o és, vivam da tua mesma felicidade na companhia do teu Lar infinito... «Não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com Ele para também com Ele sermos glorificados»⁷.

Ó Senhor...! Perdoa, mas, por mais que me esforço, em minha pobrezinha mente não pode entrar tanto; em meu pequenino entendimento não cabe o delírio de teu amor pelo homem ao criá-lo!

Ó...! E a essa criatura que Tu fizeste olhando-te no que és e à imagem de teu *ser-te* Deus, lhe dizes –num dizer que tampouco é dizer, porque Tu não necessitas falar para comunicar teu pensamento–: Olha o que sou e olha o que fiz contigo para que sejas *por mim*; reconheço, que nisso está teu gozo e a fartura e plenitude de tua suma felicidade:

«O Senhor Deus deu-lhe uma ordem, dizendo: “Podes comer de todas as árvores do jar-

⁷ Rm 8, 15-16

dim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deves comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás»⁸.

E, cheio de ternura e de amor, o coração infinito do Pai espera a resposta do homem. Espera uma resposta repleta de carinho, impregnada de agradecimento; uma resposta que seja uma entrega de correspondência ao seu dom.

Mas o homem olha para Deus e olha-se a si mesmo. E ao ver-se tão Deus por participação, tão formoso, conhecedor do Bem e da Perfeição suma, cheio de seus dons eternos, saturado da luz e da sabedoria do Infinito, preparado para entrar nos eternos gozos da mesma Trindade; ao olhar-se a si como é por Deus, perdeu a conta e, em sua insensatez e incompreensibilidade, crendo-se poderoso por si mesmo, lhe diz: «Eu não servirei!»⁹:

«A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que era, esta árvore, desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, e ele comeu»¹⁰.

E, nesse mesmo instante, atua-se no homem uma transformação tal, que o que fora criado para possuir o Bem infinito, sentindo-se possuído e escravizado pelo mal, encontra-se com uma nova e amarga sabedoria, a ciência expe-

⁸ Gn 2, 16-17

⁹ Jr 2, 20

¹⁰ Gn 3, 6

rimental do mal, que o repleta e satura até à medula do seu ser, envolvendo todos os seus pensamentos, as suas inclinações e apetências cheias de concupiscências, invadindo todas as suas capacidades:

«Então abriram-se os olhos aos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram. Eles ouviram os passos de Iahweh Deus que passeava no jardim, à brisa do dia, e o homem e sua mulher se esconderam da presença de Iahweh Deus, entre as árvores do jardim»¹¹.

Ó terribilidade da soberba do homem, que lhe fez compreender, palpar, saborear e possuir, numa posse de adesão total, a ciência, para ele desconhecida pela magnificência e santidade que Deus, ao criá-lo, derramara sobre ele! E a sua mente, acostumada e criada para a posse do Infinito, encontra-se saturada da ciência do mal, que, penetrando-o na medula do seu ser, faz-lhe saborear, num saboreamento de putrefação pecaminosa, a sabedoria do afastamento de Deus e suas conseqüências:

«Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que ajo, e sim o pecado que

¹¹ Gn 3, 7-8

habita em mim. Verifico, pois, esta lei: quando eu quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?»¹².

O homem, depois da experiência e do saber da sua nova ciência, volta a olhar para Deus e não o vê, porque ficou cego e sem a luz esplendorosa da sabedoria que possuía, estando seu entendimento na escuridão do pecado que não lhe deixa ver seu Criador. Perdeu-o, e para sempre!

O homem não tem solução...! Aquela aliança que Deus fez com ele ao criá-lo, cheia de promessas, ficou rompida pelo seu «não» voluntário.

Ó terribilidade terrível do pecado, que deixa a criatura, criada só e exclusivamente para possuir Deus, sem razão de ser diante do Bem único para o qual foi predestinada...! Ó insensatez da mente humana que, quando Deus lhe ensina o que é Ele por si mesmo, e depois mostra-lhe o que é o homem por Deus, ao pedir-lhe que reconheça como Deus é por si mesmo

¹² Rm 7, 18-24

e como o homem é por Deus, na loucura inimaginável e incompreensível do seu desvario diz, diante da claridade absoluta da verdade: «Não quero!»

Que trevas na alma do homem! Em que situação o pôs o seu «não» voluntário e recopiador do pensamento de todos os demais homens! Que realidade tão desoladora, que deixou a criatura, feita para possuir o mesmo Infinito, sem razão de ser! Que angústia a do seu coração, que penumbra a da sua vida, que escuridão a da sua mente!

Volta-se para Deus, e o perdeu! Olha-se a si mesmo, e não sabe nem sequer a sua razão de ser, nem o porquê nem o para que do seu existir. Está no mundo, sem sentido. Separado da ciência infinita do Bem, nada sabe. Só a ciência do mal, incrustando-se nele, leva-o a arrastar-se pela lama da sua própria corrupção, em busca de um prazer que satisfaça as exigências torturantes e ressecas das capacidades quase infinitas da sua alma e as apetências mais profundas do seu coração, criado só para saciar-se com as plenitudes em posse participativa dos atributos e as perfeições infinitas.

«Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens, que mantêm a verdade prisioneira da injustiça.

De sorte que não têm desculpa, pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações, à impureza em que eles mesmos desonraram seus corpos. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém.

Por isso Deus os entregou às paixões aviltantes, praticando torpezas e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração. E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar para fazerem o que não presta: repletos de todas sorte de injustiça, perversidade, avidez e malícia...; os quais, apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam»¹³.

Ó situação terrível a do homem, criado para adentrar-se no *ser-se* do Ser e possuí-lo na satu-

¹³ Rm 1, 18. 20b-26a. 27b-29a. 32

ração saborosíssima da sua mesma felicidade...!
«Eles me abandonaram, a Fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas!»¹⁴.

Mas Deus se olha a si. Vê-se na esplendidez da sua plenitude, na saturação da sua subsistência infinita, cheio pela sabedoria do seu poder; e, num ato de adesão a si mesmo no seu plano eterno, movido à compaixão, inclina-se de novo para a criatura que Ele fizera com tanto carinho e derramamento do seu amor infinito.

Sim, Deus olha novamente para a sua criação, para a manifestação em criação do seu amor eterno, e está rota, como um vaso de cristal caído no chão. Está em pedaços e sem solução! Assim como um cântaro roto jamais poderia por si mesmo voltar a ser o que foi, por muito que os seus pedaços intentassem de pegar-se entre eles, assim a criação do homem foi despedaçada sem remédio. Pobre homem! Aonde levou-o o seu desejo de ser como Deus, de ser conhecedor da ciência do mal, por ele desconhecida pelo amor infinito de quem o criou só e exclusivamente para a posse do Bem eterno!

«Mas a serpente respondeu à mulher: “De modo algum morrereis. Pelo contrario, Deus

¹⁴ Jr 2, 13

sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal»¹⁵.

O homem olha para Deus, desde a prostração do seu próprio fracasso, ao ter-se revelado contra Ele. Quer compor-se a si mesmo num esforço do seu poder limitado, intenta ocultar-se para não se apresentar feito pedaços diante do Criador, e experimenta a limitação e a pobreza do seu ser que não é capaz por si só de realizar o mais mínimo movimento de recuperação.

Está destroçado, destruído, e para sempre! Encontra-se prostrado sem ter quem o levante; vê-se desfeito sem saber nem se poder refazer. E a situação em que se acha é tão terrivelmente humilhante, que não é capaz nem sequer de levantar seu coração para Deus, para pedir-lhe misericórdia. A ciência do mal deixou-o tão empobrecido e nas trevas, que, por mais que busque o Bem perdido, a cegueira da sua situação não lhe deixará descobrir o amor infinito, luminoso e cintilante da Eterna Misericórdia. Até de olhar-se a si mesmo encontra-se envergonhado...!

Está roto, nu, destroçado, sem razão de ser, porque, na sua insensatez, ao querer ser como Deus, não só conhecendo a ciência do Bem,

¹⁵ Gn 3, 4-5

mas, querendo possuir contra a vontade divina a ciência do mal, com o seu «não» rompe os planos do Criador e destroça-se a si mesmo; deixando sem sentido até a mesma criação, da qual é a voz e a representa diante do Ser infinito e incriado que lhe deu o ser.

«A criação foi submetida à vaidade –não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu– na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo»¹⁶.

Mas a Deus, ao olhar para o homem na situação em que se encontra depois de ter-se rebelado contra o seu Criador no Paraíso terrestre, por instigação do diabo, movem-se-lhe as profundezas de suas entranhas em compaixão, remove-se-lhe a medula do seu ser infinito, sente-se estremecer no amor do Espírito Santo. As três divinas Pessoas, olhando-se entre si, teriam rompido em chorar –se em Deus for possível o pranto, o que não é–, diante da catástrofe arrepiante em que o homem está envolvido: aquela criatura que com ternura infinita foi criada

¹⁶ Rm 8, 18-23

pela sua mão onipotente; aquela que, cheia dos dons do Espírito Santo, era capaz de ser, por participação, o que Ele mesmo era; a criatura na que Ele fora pondo os reflexos do seu *ser-se* sabedoria, do seu *ser-se* Pai, do seu *ser-se* Amor candente nas chamas do Espírito Santo...!

E foi tanto, tanto, tanto! o destroço do homem diante de Deus que não pode chorar, que, para poder chorar, Deus se faz Homem. Porque devia-se chorar, como fosse, diante daquela resposta da criatura ao seu Criador!

E Deus, apesar de não poder realizar em si, pela plenitude do seu ser e a grandeza da sua subsistência, a necessidade de padecer e chorar pela situação de calafrio em que o homem se encontrava, inventou, de uma maneira portentosa e maravilhosa, o modo de poder realizar aquilo que o «não» da criatura clamava diante da ruptura dos planos eternos.

«Cristo, nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte. E foi atendido, por causa de sua piedade»¹⁷.

«Jesus chorou. Diziam, então, os judeus: Vede como ele o amava!»¹⁸.

«Quando Jesus se aproximou de Jerusalém e viu a cidade, começou a chorar. E disse: “Se tu

¹⁷ Hb 5, 7

¹⁸ Jo 11, 35-36

também compreendesses hoje o que te pode trazer a paz! Agora, porém, está escondido aos teus olhos!»¹⁹.

Ao olhar Deus a seus pés feita pedaços a sua criatura que com tanto carinho Ele tivera entre seus braços e acariciara e sustentara em seu regaço; essa criatura que, não querendo submeter-se, ao soltar-se d'Ele, num esforço de soberba, de suas mãos, caiu no chão e rompeu-se, e que, ao olhar-se destroçada, desde a sua prostração levanta seus olhos ao Criador e não o encontra em nenhuma parte porque o perdeu, e para sempre;

ao olhar para essa criatura que queria clamar pedindo compaixão ao Infinito, mas que não pode porque a sua garganta está machucada e não tem palavras; que queria..., que queria... e não pode!, porque, do que era, só ficam uns pedaços, um farrapo, e diante dessa prostração, afunda-se na amargura da sua desolação para sempre;

ao olhar assim para o homem, as três divinas Pessoas derramando-se em compaixão amorosa de misericórdia, e cheias de amor e ternura, em reunião de Família e em intimidade de Lar, determinam entre si:

¹⁹ Lc 19, 41-42

— O que fazer com o homem? Como solucionar o seu problema? Como restabelecê-lo de novo? Como unir novamente a criatura com o seu Criador, ao qual ofendeu, rebelando-se contra a sua Santidade infinita, ultrajada? Para que fazer outro homem que voltará a romper-se? Para que outra criatura que volte a dizer «não»? Os anjos..., os homens...

E, ó mistério...!, no Conselho Infinito determina-se algo insuspeitado; realiza-se algo tão incompreensível, tão inimaginável, tão incalculável, tão estranho e tão eterno, que só Deus pode pensar porque só Ele o pode realizar: o Pai, numa manifestação infinita de senhorio, de plenitude, diz a seu Filho, movido pelo amor do Espírito Santo:

— Tu serás o Homem, Tu serás a Nova Criação.

— «*Ecce Homo*: Eis o Homem!»²⁰.

— Mas se Eu não posso porque sou Deus...! —se em Deus for possível não poder algo—, diz o Verbo. Como poderei ser Homem se sou Deus...? Ainda que sei que posso tudo pelo poder que Tu tens e o poder que Eu tenho por Ti, em Ti e em mim. Mas, como o que queres quero e o que podes posso, Eu serei Homem, Eu serei criatura, Eu serei criação. E o serei porque o amor que Tu me tens e Eu te tenho no

²⁰ Jo 19, 5

Espírito Santo, ó Pai!, impulsiona-nos a que a criação que saiu de tuas mãos como reflexo da tua perfeição, que é a minha e que Eu expresso, não fique desta maneira; não pode ficar assim porque teu Amor e meu Amor infinito nos pede uma regeneração.

«Então o Senhor Deus disse à serpente: porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Ela te ferira a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar»²¹.

Promessa renovada a nossos Pais Abraão, Isaac e Jacó: «Eu sou o Senhor, Deus de teu pai Abraão, o Deus de Isaac. A ti e à tua descendência darei a terra em que estas dormindo. Tua descendência será como a poeira da terra... Em ti e em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra»²². Promessa anunciada pelos Profetas e realizada e cumprida na plenitude dos tempos em Cristo, o Messias prometido, o Ungido de Iahweh, o Unigênito de Deus feito Homem:

«Vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus. Sendo de Cristo, sois então, descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa»²³.

²¹ Gn 3, 15

²² Gn 28, 13-14

²³ Gl 3, 26-29

Deus vai realizar a sua Aliança com o homem e inventa uma maneira, dentro da sua infinita sabedoria, que quase não cabe na possibilidade potencial do infinito e coeterno Ser. Porque Deus só pode ser Deus e o homem só pode ser homem. E a manifestação da sabedoria e poder infinitos consiste em que Deus, sem deixar de ser Deus, seja Homem, e o Homem, sem deixar de ser homem, seja Deus; realizando-se tudo isso mediante o mistério da Encarnação nas entranhas daquela criatura que o mesmo Pai, movido no amor infinito do Espírito Santo, cria para ser Mãe do seu Filho Encarnado: A nova Mulher que esmagaria a cabeça do dragão²⁴; «A Virgem que conceberia e daria à luz um filho a quem poria o nome de Emanuel, que significa “Deus conosco”»²⁵.

«O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma Virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A Virgem se chamava Maria. O Anjo, então disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”»²⁶.

²⁴ Cf. Gn 3, 15
²⁵ Is 7, 14

²⁶ Lc 1, 26-27. 30-33

Ó...! Quem poderá compreender o amor de Deus para com a sua criatura, que, para que não falte nada à manifestação majestosa e cheia de esplendor da sua ternura para com ela, lhe dá uma Mãe que seja capaz de entregar-lhe o Unigênito do Pai com coração maternal e amor de Espírito Santo?! E esta maternidade é tão maravilhosa, que é Maternidade divina, porque é o mesmo Deus quem no seio de Maria se faz homem:

«Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre Ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus”»²⁷. «Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”»²⁸.

É a Virgem tão Senhora,
de tanta maternidade,
que é Mãe do Infinito,
quem o chegasse a sonhar...!

Deus que se encarna em seu seio
para, nele, realizar
o mistério transcendente
que ninguém pôde pensar!:

²⁷ Lc 1, 34-35

²⁸ Lc 1, 38

Deus que, sendo Deus, é Homem,
sem mudar em sua Divindade,
e o Homem que Deus se faz
sem deixar de ser mortal...!

Mistério dos mistérios,
cheio de Divindade...!
A Virgem que rompe em Mãe
sem romper a virgindade.

Enquanto mais Virgem mais Mãe,
de tanta maternidade,
que é Maternidade divina,
fruto de virgindade.

Ó que mistério tão grande...!
Quem o poderá contemplar
sem que a sua mente o empane
ao não podê-lo abarcar,
ao não entender a sua excelência
pela sua grande grandiosidade...?

Tenho uma Mãe tão Virgem,
que é toda Maternidade...!

E pelo mistério da Encarnação, e no seio de
Maria, Deus cria uma criatura tão para si, que
nunca se separará das suas mãos nem se po-
derá romper, porque esta criatura humana será
Deus.

Já não há poder que rompa o Homem! Já o
Homem não se pode romper a si mesmo, pois

não pode querer mais que o que Deus quer,
porque é Deus! Quem poderá separar a hu-
manidade de Cristo da pessoa do Verbo? Quem
poderá separar a Divindade da humanidade, se
a humanidade não tem mais pessoa que a di-
vina, que o «Sim» eterno do Pai, como contes-
tação e resposta da criatura ao seu Criador?

Ó mistério dos mistérios! Deus fez uma alian-
ça com o homem tão eterna como infinita, tão
perfeita como Ele mesmo, porque Ele mesmo
em si é a Aliança eterna de Deus com o ho-
mem:

«Cristo veio como Sumo Sacerdote dos bens
vindouros. Ele atravessou uma tenda maior e
mais perfeita, que não é obra de mãos huma-
nas, isto é, que não pertence a esta criação. Ele
entrou uma vez por todas no *Sancta Sanctorum*
com o próprio sangue, obtendo uma Redenção
eterna.

Eis porque Ele é mediador da nova Aliança.
A sua morte aconteceu para o resgate das trans-
gressões cometidas no regime da primeira
Aliança; e, por isso, aqueles que são chamados
recebem a herança eterna que foi prometida»²⁹.

Já está Jesus Cristo, que é Deus e é Homem,
que é o Céu e é a terra, que é a Divindade e a
Humanidade, que é a Riqueza, que é o «Sim»

²⁹ Hb 9, 11-12. 15

infinito à manifestação onipotente da vontade criadora e coeterna de Deus. Quem puder romper Cristo, romperá a Aliança de Deus com o homem! Quem puder romper Cristo, destruirá a Promessa da Nova Aliança!

Porque Cristo é a Aliança realizada e cumprida de Deus com o homem, o Unigênito de Deus Encarnado, ao qual se deve toda honra e glória, e «assim, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra»³⁰; e o único capaz de unir Deus com o homem, e restaurar a humanidade caída.

«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim»³¹;

«Não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos»³².

E, ó malícia terrível do homem, da criatura contra o Criador, que, para poder romper a Aliança da Nova Promessa, matou Cristo! Mas este foi o Sacrifício que fez perpétuas as promessas da Nova Aliança, e o meio da restauração. Porque, com a morte de Cristo, foi sepultado o pecado e surgiu um Homem novo, incorruptível, um Homem glorioso, sem as ataduras da corrupção e sem as conseqüências do pecado.

³⁰ Fl 2, 10

³¹ Jo 14, 6

³² At 4, 12

«Pois sabemos que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre Ele. Porque, morrendo, Ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo, Ele vive para Deus»³³.

E assim, a Promessa da Nova Aliança é tão esplendorosa, que Cristo, nascendo num presépio, padecendo fome e sede, sofrendo o frio da ingratidão dos homens, recopilando em si todas as conseqüências do pecado –sem ser pecado– pelos pecadores, por aquele destroço de criatura caído aos pés do Criador, fez que, ao «ser levantado em alto», como mostra de destruição e como conseqüência do «não» a Deus, representasse também e manifestasse aos homens até onde o «não» do mesmo homem era capaz de levar ao Autor da vida: «Quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a mim»³⁴.

Cristo, na cruz, sentiu as conseqüências do pecado, experimentou em si o desamparo em que o pecado deixara o homem diante de Deus, e sentiu-se abandonado pelo Pai. E quando já o atraíra tudo para Ele e restaurara passo a passo àquele homem roto, quando sofrera em si as conseqüências do «não» da criatura ao Criador e respondera a Deus chorando, segundo a infinita Santidade se merecia, terminou com o: «Tudo está consumado»³⁵.

³³ Rm 6, 9-10

³⁴ Jo 12, 32

³⁵ Jo 19, 30

E o homem pecador, diante de Cristo chagado, diante do Autor da vida crucificado e morto em sua humanidade, diante do triunfo aparente da sua própria maldade, regozijou-se porque creu que novamente pudera romper a Promessa da Nova Aliança, sem saber que o fruto daquela destruição era o princípio da restauração e da glorificação do homem diante do seu Criador.

«Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também será levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que n'Ele crer tenha a vida eterna»³⁶.

E ressuscitou Cristo realizando em si o que Deus realizara no homem; ressuscitou um Homem glorioso, impassível, sendo Ele mesmo a realização terminada da Promessa de Deus ao seu Povo na Nova Aliança.

Deus, quando atua, o faz como Deus; e como n'Ele o querer é atuar, quando quer fazer uma aliança irrompível com seu Povo, Ele mesmo é a Aliança. Mas, como o Dito de Deus é o Verbo, ao dizer Deus aos homens a sua palavra de aliança eterna, a diz fazendo-se Homem e sendo Ele mesmo em si a Palavra e a Aliança em perpetuação eterna. E por isso, Ele encerra em si a plenitude do Sacerdócio; porque o sacerdote é o que une Deus com o homem, o rea-

³⁶ Jo 3, 14-15

lizador da Nova Aliança. Este Sacerdote em plenitude é Cristo.

«Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e a humanidade: o Homem Cristo Jesus, que se entregou em resgate por todos»³⁷.

Senhor! Mas... o que me estás dizendo...? Que Tu e eu eternamente estaremos unidos...? De que modo me estás prometendo a minha união contigo...! De que maneira estás afiançando a tua promessa em tua palavra! Que farás para que a tua palavra seja realidade e a tua promessa cumprida...?

Ó mistério dos mistérios!: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós»³⁸. Já se cumpriu a tua promessa...! Já realizou-se a tua palavra numa palavra tão palavra e num dito tão irrompível, que Tu mesmo és a Palavra, a Promessa, a Aliança do Novo Testamento; que Tu mesmo és em Ti a união de Deus com o homem, sendo Tu em Ti a criatura e o Criador!

Ó...! A minha mente hoje desvaria. O meu palpitar se agita diante da Promessa eterna de Deus, que se comunica sem ruído de palavras, de conceitos, em Explicação divina...

Ó...! A minha mente se perde diante da Promessa eterna que Deus em si realiza. Quem

³⁷ 1 Tm 2, 5-6a ³⁸ Jo 1, 14

poderá romper Deus em sua Promessa divina? Quem poderá voltar-se para o Criador para romper a sua Promessa? Nem os infernos com a sua terrível malícia...!

Se eu pudesse dizer esta força que palpita no fundo do meu peito, isto que sente meu ser que eu quisesses expressar...! Se eu pudesse escrever o que concebe o meu entendimento à luz do Eterno, ao ver como se afiança a Promessa da Aliança com seu Povo...!

Ó, a Aliança eterna do Novo Testamento...! Aliança perpétua, anunciada por Deus a nossos primeiros Pais no Paraíso terrestre, prometida a Abraão e à sua descendência para sempre, manifestada pelos santos Profetas do Antigo Testamento e realizada por Cristo, o Ungido de Iahweh, Varão de dores que, qual Cordeiro imaculado, com seu sangue divino tira os pecados do mundo; Aliança que continua na eternidade por todos os séculos, sem tempo...!

Como entendem-se, à luz da coeterna sabedoria do infinito Ser, todos os planos de Deus em sua Promessa...!

E para que esta Aliança seja perpétua com a restauração de Cristo mediante o mistério da sua vida, morte e ressurreição, Deus quis ficar com o homem, mas glorioso: «Eu estou con-

vosco todos os dias, até a consumação dos séculos»³⁹ numa Aliança de amor infinito.

E esta Aliança tem sua razão intrínseca de ser em que Deus e o homem uniram-se na pessoa do Verbo tão inquebrantavelmente pela união hipostática, que já Deus é Homem e o Homem é Deus.

Mas, como o Verbo não se pode separar do Pai e do Espírito Santo na sua divindade –«Eu e o Pai somos uma só coisa»⁴⁰–; Cristo, em sua humanidade, tampouco se pode separar dos demais homens desde o momento da Encarnação. Pelo que, num mistério inimaginável e indescritível de união de Deus com o homem, entre a criatura e o Criador, cheio de divina e infinita misericórdia, Cristo será sempre a Cabeça e nós membros do seu Corpo; pelo que já os homens seremos o Corpo místico de Cristo, que é o mesmo que o Corpo místico de Deus em Cristo Jesus.

«Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo. Vós todos sois o corpo de

³⁹ Mt 28, 20

⁴⁰ Jo 10, 30

Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo»⁴¹.

E esta é a Promessa da Nova Aliança: Deus que se dá ao homem pelo Cristo, na sua Trindade de Pessoas, e o homem que, pelo Ungido de Iahweh, o Unigênito de Deus Encarnado, fica misteriosa e eternamente unido por participação com a vida inefável da Família Divina!; pelo que somos templos vivos de Deus e moradas do Altíssimo: «Se alguém me ama, guardará minha Palavra e o Pai o amará e a ele viveremos e nele estabeleceremos morada»⁴².

E, quem poderá separar Cristo do Pai e do Espírito Santo? Quem puder separar a humanidade e a Divindade unidas hipostaticamente em matrimônio indissolúvel e eterno na pessoa do Verbo, e Cristo dos homens; já que Cristo é uma coisa com o Pai e com o Espírito Santo e é um com todos os homens; porque Cristo, por sua divindade, é Deus e, por sua humanidade, é Homem. E como Cristo não pode ser destruído, porque precisamente pela sua destruição aparente surgiu a ressurreição e a vida, Deus jamais poderá separar-se do Homem e o Homem jamais poderá separar-se de Deus.

Esta é a «loucura» da Promessa de Deus ao homem! Esta é a «loucura» da Promessa da eter-

⁴¹ 1 Cor 12, 12-13a. 27

⁴² Jo 14, 23

na e Nova Aliança! Promessa que não são duas, mas uma: prometida por Iahweh no Antigo Testamento, e realizada e cumprida por Cristo, através de Maria, na nova e celestial Jerusalém.

Promessa que não só não se pode romper, mas que tem que ser perpetuada patentemente através dos tempos. Promessa e Aliança que teve um princípio sem fim. Promessa cumprida do Homem Deus que quer estar com os homens quanto durem os séculos, com cada um deles em todos e em cada um dos momentos de suas vidas: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele e Eu o ressuscitarei no último dia»⁴³; e que quer que todos e cada um dos homens sintam-se enxertados n'Ele como os sarmentos na videira, e o tenham, como Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, misteriosamente entre eles, em todos e em cada um dos momentos de sua vida durante os trinta e três anos que passou na terra.

«Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo»⁴⁴.

Promessa da Nova Aliança que não é como nossas promessas, que permanecem em palavras, mas que realiza o que diz. E, como Deus vive num eterno Dizer, segundo é se nos manifesta, dizendo-se-nos a todos e a cada um de

⁴³ Jo 6, 56. 40b

⁴⁴ Gl 3, 27

nós em nosso tempo, em nosso modo, em nosso estilo e circunstâncias.

Pelo que, ao atuar sua Palavra o que diz, esse dizer-se-nos é atuar-se em nós, em cada um dos momentos da nossa vida. Por isso, quem ama a Deus observa sua doutrina e Deus mora dentro do seu coração.

Que formosa é a ternura do Amor infinito pelo homem! Quando, na noite da Ceia, os Apóstolos, prevendo uma próxima separação, estão tristes, então a Promessa da Nova Aliança realiza a sua promessa de perpetuação entre nós, estabelecendo seu compromisso eterno.

«O que eu recebi do Senhor foi isso que eu vos transmiti: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo que é dado por vós”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a Nova Aliança, em meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”»⁴⁵.

Nesta nova promessa fica instituída a Eucaristia, pelo Sacrifício incruento do altar, perpetuação da vida, morte e ressurreição de Cristo; pelo que na Santa Missa perpetua-se-nos em rea-

⁴⁵ 1 Cor 11, 23-25

lização constante a Promessa da Nova Aliança de Deus com o homem. E a Promessa desta Nova Aliança, não só se cumpre porque Cristo prometeu-nos estar conosco, mas que é uma Promessa que encerra em si a realização atualizada da vida, morte e ressurreição de Cristo em cada um dos momentos da nossa existência. Essa Promessa da Nova Aliança perpetua-se-nos no Sacrifício Eucarístico e, de um modo misterioso, também nos demais Sacramentos.

O que é o Sacrifício do altar? Cristo vivendo conosco, no exercício pleno do seu Sacerdócio, a sua encarnação, vida, morte e ressurreição, dizendo-nos a sua vida, comunicando-nos seus dons, enxertando-nos n’Ele, perpetuando essa inserção e fazendo-se, por e na plenitude do exercício do seu Sacerdócio, Glorificador de Deus, Reparador dos pecados dos homens e Conciliador dos homens com Deus. Cristo é a Promessa de Deus, feita realização em perpetuação eterna para todos e cada um dos homens em todos os momentos da vida de cada um deles.

E para que isso fosse realidade palpável, vivente e palpitante, para que a realidade existente entre Deus e o homem fosse visível, visivelmente Deus ficou conosco na realização da sua Promessa. Esta realização é a nova Sião, a Igreja santa fundada por Cristo e encomenda-

da a seus Apóstolos, saturada de Divindade e repleta de todos os dons, frutos e carismas do Espírito Santo desde o dia de Pentecostes. Pelo que a Igreja é a congregação, a perpetuação, a manutenção perene e eterna da união de Deus com o homem e do homem com Deus.

«Vi também a Cidade santa, a nova Jerusalém, descendo do céu, de junto de Deus, vestida como noiva enfeitada para o seu esposo. Então, ouvi uma voz forte que saía do trono e dizia: “Esta é a morada de Deus-com-os-homens. Ele vai morar junto deles. Eles serão o seu Povo, e o próprio Deus-com-eles será seu Deus”»⁴⁶.

A Igreja é a que encerra em si, pelo Unigênito do único Deus verdadeiro, Jesus Cristo seu enviado, o mistério dessa união, porque ela é em si todo o Corpo místico de Cristo, Cabeça e membros. E por ser a Cabeça e os membros, a Igreja é o Cristo Total, a que tem a plenitude da Divindade e a que, por Cristo, com Ele e n’Ele, carrega os pecados de todos os homens. Por isso é divina e humana; por isso está erguida e jogada no chão, é Rainha e é Senhora, e é, com Jesus, «verme, e não um homem, desprezo do povo e zombaria de todos os que a vêem»⁴⁷.

«Cristo amou a Igreja e se entregou por ela. Ele quis assim torná-la santa, purificando-a com

⁴⁶ Ap 21, 2-3

⁴⁷ Cf. Sl 21, 7ac.8a

o banho da água unida à palavra. Ele quis apresentá-la a si mesmo esplêndida, sem mancha nem ruga nem defeito algum, mas santa e irrepreensível»⁴⁸.

— O que é a Igreja?

— O Povo de Deus com Deus, e Deus com o seu Povo.

— O que é a Igreja?

— Cristo com o homem e o homem com Deus.

— O que é a Igreja?

— O Cristo Grande de todos os tempos, Cabeça e membros. Mas o Cristo Total que tem em si o Pai e o Espírito Santo vivendo a sua vida na plenitude e na claridade da sua glória, na santidade de sua majestade e na infinitude de sua perfeição; e que tem em si todos os homens de todos os tempos que foram, que são e que serão, com a santidade das suas vidas ou com a monstruosidade calafriada e arrepiante dos seus pecados; que tem em si a plenitude da Divindade em sua real Cabeça «pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade»⁴⁹; e que tem em si, por Cristo e como Cristo, a totalidade dos pecados de seus membros...

⁴⁸ Ef 5, 25-27

⁴⁹ Cl 2, 9

— O que é a Igreja?

— A Promessa da Nova Aliança entre os homens; a realização daquela promessa que Deus fez ao homem e que os Santos Padres esperavam com ansiedade nos tempos messiânicos.

A Igreja é com Maria aquela nova Mulher que no Antigo Testamento aparecia refulgente de luz e que todos esperavam como salvação do seu Povo. Porque, ao encerrar e ser em si a perpetuação do mistério da união de Deus com o homem, é também a que tem entranhada nela o princípio e o fundamento da Promessa de Deus ao homem, que é a Encarnação. E, portanto, como a Encarnação realizou-se e a Promessa cumprida foi feita e consumada no seio de Maria, a qual, por ser Mãe de Cristo, não só o é da Cabeça mas de todos os membros, e Mãe que perpetua sua maternidade quanto du-rem a Cabeça e os membros, também a Igreja tem Maria com Mãe durante todos os tempos.

Esta maternidade da Virgem é tão plena, que, quando Deus fez a Promessa da Nova Aliança, anunciou no Paraíso aos nossos primeiros Pais que, assim como por uma mulher entrou o pecado, por uma Mulher entraria a Vida no mundo. Pelo que a maternidade de Maria na Igreja é tão grande como corresponde à Promessa da Nova Aliança, porque foi pela sua Maternidade divina como Deus fez a Promessa, por quem a

realizou, onde a realizou e, portanto, desde onde se perpetua.

Pelo que é Maria a Arca da Nova Aliança, a Porta da grande Jerusalém, Santuário da Divindade, a Ânfora preciosa repleta de Deus para saturar com a repleção de sua plenitude a quantos venham a viver e a beber na abundância das infinitas torrentes dos Mananciais divinos das águas que em seu seio se encerram. Sendo a extensibilidade da maternidade da Virgem tão perpétua como a Promessa da Nova Aliança; e enquanto Deus seja Promessa para dar-se ao homem, Maria será maternidade, e Maternidade divina!, por onde se nos dá a Promessa da Nova Aliança.

É tão grande a maternidade da Virgem, da Rainha e da Senhora que, pela sublimidade do seu mistério, Ela «guardava todas estas coisas no coração»⁵⁰. A Virgem guardava no silêncio o segredo da sua maternidade, porque o silêncio é o que guarda o segredo dos grandes mistérios.

Assim a Igreja, ânfora preciosa repleta de Divindade, perpetuação e manifestação perene do mistério de Deus com os homens e dos homens com Deus no seio de Maria e sob o am-

⁵⁰ Lc 2, 51

paro e a manifestação da sua maternidade, sofre e goza, reina e fracassa num fracasso aparente como o de Cristo, guardando e oprimindo, como a Senhora, no silêncio da incompreensão, os grandes mistérios da sua vida e do seu agonizar.

Os planos de Deus não são como os nossos. Nós dizemos uma coisa que só dura um dia, e cada dia dizemos uma coisa pela limitação do nosso ser e do nosso obrar. Deus não. A sua Promessa é um Dito que realiza o que diz, e o realiza sendo o que promete enquanto dure a Promessa. E como a Promessa é eterna, com um princípio, mas sem fim, eterno é Cristo, eterna é a maternidade de Maria, eterna é a Igreja, como eterna é a vida de Deus com o homem e do homem com Deus, daquele que queira aderir à Promessa pela sua inserção em Cristo, pela sua dependência da maternidade de Maria e pela sua incorporação de alguma maneira à Igreja.

«Farei convosco uma Aliança eterna, assegurando-vos as graças prometidas a Davi»⁵¹.

E como o pensamento de Deus não muda, por isso a Igreja sempre é a mesma; e perpetua-se estável e imperturbável; e é só uma, por-

⁵¹ Is 55, 3

que uno é Deus em sua Trindade de Pessoas, porque una é a Promessa de Deus e de um só modo. Promessa que, ainda que por parte de Deus sempre é a mesma, por parte da correspondência do homem, às vezes parece que cambaleia em seu membros, mas não em sua Cabeça imóvel, não na maternidade de Maria que, ao ter sido feita Mãe de Cristo, o foi de todos os seus membros para sempre.

Por isso, quem queira aderir à Promessa de Deus não recebendo a maternidade de Maria, não reconhecendo Cristo como é, Deus e Homem, divino e humano ou não aceitando a Igreja, nova e celestial Jerusalém, está fora da Promessa, não é do Povo da Nova Aliança e dificilmente poderá ser reconhecido por Pedro, que está na porta do Céu para que ninguém que ele não conheça entre para o festim glorioso dos filhos de Deus que «traziam escritos sobre a fronte o nome d'Ele e o nome do seu Pai»⁵²; e que Deus, pela Promessa, prepara para aqueles que, abraçando todo o seu plano, sejam reconhecidos pelo Príncipe dos Apóstolos:

«Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus»⁵³;

Promessa que a Palavra infinita da Nova Aliança fez ao Pescador da Galiléia, e que se per-

⁵² Ap 14, 1

⁵³ Mt 16, 19

petua quanto durem os tempos em seus sucessores.

Cristo não só fica invisível na Promessa da Nova Aliança, no Sacrifício Eucarístico do altar, nos Sacramentos, por meio da Liturgia, mas fica visível no Papa, para que o fundamento da nossa fé, mediante a sua infalibilidade, não se cambaleie, e para que a Promessa de Deus se manifeste visivelmente através dessa Cabeça visível da Igreja. [...] ⁵⁴ «Eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos» ⁵⁵.

A Igreja é e encerra em si a Promessa da Nova Aliança, sendo tão irrompível como essa mesma Promessa e essa mesma Aliança. Quem poderá romper a Promessa da Nova Aliança se é Cristo Jesus, se é Deus mesmo feito Homem? Pois só aquele que seja capaz de romper Cristo, Cabeça e membros, será capaz de tirar à Igreja a maternidade de Maria e de tirar o Papa como Supremo Pastor desta santa Mãe: «Simão, tu me amas mais do que estes?... Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas» ⁵⁶.

⁵⁴ Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

⁵⁵ Lc 22, 32

⁵⁶ Jo 21, 15-16

Exigindo Jesus àquele que tem de pastorear e reger a sua Igreja que o ame mais do que seus irmãos.

Que mistérios encerra a Promessa de Deus aos homens! Pelo que a Igreja é una; una na sua Promessa, una em seu princípio, una em sua Cabeça, «edificada sobre o fundamento dos Apóstolos» ⁵⁷, Colunas da nova e celestial Jerusalém, «feita não por mão humana» ⁵⁸ mas pelo mesmo Deus, abrigada sob a maternidade de Maria, divinizada pela santidade da sua Cabeça e desfigurada pelos pecados dos seus membros.

E esta Igreja tão divina, tão eterna, tão simples e tão senhora, para o olhar de Deus sempre é a mesma: imutável, invencível, «terrível como um exército em linha de batalha» ⁵⁹, disposta a enlouquecer Deus de amor como Esposa engalanada no dia das suas bodas eternas. Todavia, ao olhar dos homens, volúvel e imperseverante segundo as épocas.

Umás vezes aparece mais a sua plenitude, a sua perfeição, a sua santidade, a sua Cabeça, Cristo Jesus, morando nela com o Pai e o Espírito Santo e a perfeição dos seus santos. Então os que a contemplam a vêem como a única solução de todos os problemas, como a satisfa-

⁵⁷ Ef 2, 20

⁵⁸ Hb 9, 24

⁵⁹ Ct 6, 4

ção das exigências de todos os homens e a plenitude da perfeição do mundo.

Em outras épocas, os homens, vendo somente a parte humana da Igreja, não apercebem mais do que as imperfeições e pecados dos seus membros; e como consequência, à sua pobreza, que não é capaz de abarcar o mistério total da Igreja, Cabeça e membros, esta aparece afeada, envelhecida, antiga, manchada, fraccassada, e talvez, diante da torcedura ofuscada pela tenebrosidade da soberba, até chamada à destruição e à desapareição. E isto acontece aos que, não conhecendo Deus, e, portanto, não penetrando nos seus pensamentos eternos, «que não foram manifestados nas gerações passadas, só ultimamente foram revelados pelo Espírito aos seus santos Apóstolos e Profetas»⁶⁰, nem na Promessa da Nova Aliança, não intuindo a sua grande realidade, olham tudo de maneira humana, tendo para eles o mesmo valor o que dizem os homens que o Dito de Deus perpetuado através desta mesma Igreja.

Ó mente do homem, que quisera voltar a romper esta criação do Eterno!, que quisera escapar novamente dos braços do Infinito!, que quisera a liberdade que o primeiro homem, roto aos pés do Criador, tinha!

⁶⁰ Ef 3, 5

Ó soberba da mente humana que, quando se separa do pensamento divino, atrofia tudo com a pequenez e ruindade dos seus critérios! Ó soberba do homem que não conta com que a Promessa da Nova Aliança é irrompível porque é o mesmo Deus feito Promessa!

Ó mente do homem, eu hoje rio de ti, porque, ainda que queiras, não podes romper a Promessa de Deus, porque é Deus mesmo feito Promessa; nem podes escapar das suas mãos porque és uno com Ele, e tens que glorificá-lo eternamente no sítio que a tua vontade te busque, como rendição à Promessa de Deus aceita ou rechaçada; Promessa que nem a vida nem a morte podem romper, porque não está submetida ao homem volúvel, mas que é feita e realizada pelo mesmo Deus imutável!

E volto ao pensamento de toda a minha vida, ao enfoque da minha consagração, à visão que Deus me mostrou do cristianismo para que eu desse sentido à minha existência; o sentido que desde toda a eternidade, ao criar-me e depois ao restaurar-me, Ele quis pôr em mim: hei de viver minha inserção em Cristo, que me leva a fazer-me uma coisa com o Pai e o Espírito Santo, que me abriga sob a maternidade de Maria, que me faz uma coisa com Pedro e com todo o Colégio Apostólico, que me tem enxertada também com todos os membros do Corpo mís-

tico de Cristo, e que me ensina a viver do divino para dar sentido a todo o humano.

Quando, perdendo a verdadeira orientação do seu cristianismo e o enfoque sobrenatural da Promessa de Deus e dos seus planos, o homem, ficando sem luz, tudo olha de maneira humana, então, agindo de conseqüência, vai fazendo aparecer a Igreja pelos pecados dos seus filhos cada vez mais manchada, mais afundada, mais empobrecida e aparentemente sem sentido. Por isso os verdadeiros filhos de Deus, os que vivem da Promessa da Nova Aliança sem desfigurá-la, aderidos totalmente a ela com todas as suas conseqüências, estes são os únicos capazes de manifestar o verdadeiro rosto da Igreja.

Mas, como a Sabedoria comunica-se aos limpos de coração, «porque verão a Deus»⁶¹, e se manifesta aos simples através dos Sacramentos e na intimidade do contato com Deus, daqui todo o empenho do demônio em separar os cristãos dos Sacramentos e do contato íntimo com os eternos mistérios, para deixá-los na pobreza e na escuridão da sua soberba, que, rebelando-se contra as promessas de Deus, tentará destruir o Corpo místico de Cristo. Uns procederão com má vontade; outros, levados, não pelo critério divino, senão pelo humano; outros, arrastados

⁶¹ Mt 5, 8

pelos correntes dos pensamentos ofuscados e enlouquecidos dos homens.

E assim como, no princípio, o inimigo confundiu o homem para que se rebelasse contra Deus e seus planos, assim agora procura, para conseguir o mesmo fim, ofuscar novamente as inteligências por meio da soberba, da diversidade de critérios e de pensamentos, e fazer com que os homens apeteçam uma liberdade que, rebelando-se contra os planos de Deus, o seu pensamento e a sua Promessa eterna, leve-os a sair destes planos amorosos e, ficando fora da Promessa, encontrem-se ainda em pior situação do que a do primeiro homem.

«Quando o espírito imundo sai do homem... vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E com isso a condição final daquele homem torna-se pior do que antes»⁶².

Para realizar isso, procura com todos os meios afastar do contato com Deus a criatura criada pelo Infinito essencialmente para possuí-lo; contato que se nos dá através dos Sacramentos e dos nossos tempos de oração, meios pelos quais os membros da Igreja poderão viver pondo Deus em seu coração durante todo o dia em todas as circunstâncias da sua vida, orien-

⁶² Lc 11, 24-26

tando-as e enfocando-as segundo o pensamento divino, que dá sentido a todo o ser e atuar do homem.

E assim, na medida em que o inimigo vai tirando o pensamento divino da mente do homem, a confusão e a impureza nos invadem –pois Deus manifesta o seu segredo aos pequeninos e aos limpos de coração–, as nossas mentes se ofuscam, o nosso pensamento se obscurece e, olhando tudo de maneira humana, não aceitamos os planos de Deus, fazendo carregar à Igreja, não somente à sua Cabeça, Cristo Jesus, mas a todos os membros, com as conseqüências dilacerantes e arrepiantes do nosso «não» ao Supremo Bem.

Deste modo a Igreja, imperturbável e irrompível, formosa, divina e divinizante, às vezes, para os que não têm olhos candentes de sabedoria divina iluminando as suas mentes, aparece como cambaleando-se pela confusão da diversidade de critérios, que, apresentando-a aos demais como não é, vão desagregando o rebanho do Bom Pastor.

Mas não importa, que não há quem toque a Igreja nem quem a divida! Poderá separar-se um grupo de membros da sua Cabeça, mas nunca poderá separar-se nem afundar-se a Igreja, que é a Promessa da Nova Aliança, cimen-

tada e perpetuada em Cristo, o qual é a união de Deus com o homem!

«Já não sois estrangeiros men migrantes, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos Apóstolos e dos Profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue como santuário santo, no Senhor, e vós, também, nele sois co-edificados para serdes habitação de Deus, no Espírito»⁶³.

Ó mistério da Nova Aliança! Minha mente hoje sente-se ultrapassada diante da profundidade do que vislumbra. Minha língua balbucia pela impotência da sua expressão para decifrar o que tenho no meu peito. Minhas forças físicas esgotam-se-me diante do martírio lento e torturante de não poder dizer a voz em grito, «oportuna e inoportunamente»⁶⁴, como dizia o Apóstolo, por todos os rincões do mundo e a todos os homens da terra, o compêndio apertado da Promessa de Deus ao homem, que, tendo-o criado no princípio só e exclusivamente para ser uno com Ele e viver da sua vida na companhia familiar da sua intimidade, pela Promessa da Nova Aliança, a este mesmo homem, o fez filho no Filho, tendo por adoção o que o mesmo Filho de Deus tem por natureza.

⁶³ Ef 2, 19-22

⁶⁴ 2 Tm 4, 2

«Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça com a qual Ele nos agraciou no Amado. E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Ele derramou profundamente sobre nós, infundindo-nos toda sabedoria e prudência, dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade... a de em Cristo recapitular todas as coisas»⁶⁵.

No princípio fomos criados para sermos Deus por participação, para vivermos com Ele em intimidade, para sermos filhos seus pela manifestação que do Filho tínhamos em nós; já que no Filho fomos criados, pois, ao criar-nos Deus olhando-se no que a Ele o faz ser Deus, fez-nos Deus por participação e filhos no Filho. Mas, mediante a Promessa da Nova Aliança, somos filhos no Filho não só por participação, mas por adoção, de forma que Cristo Jesus, em tudo o que é, é o Filho do Pai por não ter mais pessoa que a divina, e ao estarmos todos nós enxertados n'Ele e sendo membros seus com a união que existe entre os membros e a Cabeça, não é já somente uma participação do Criador a que temos por ser criaturas racionais, mas que participamos também da filiação do Verbo: «Nos vivificou juntamente com Cristo e com Ele nos ressuscitou e

⁶⁵ Ef 1, 5-10

nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus»⁶⁶. «Que sejam um»⁶⁷ comigo, Pai, como Eu o sou contigo, com a «glória que me deste»⁶⁸ a mim como Unigênito teu e do modo que Eu a tenho como Filho teu, «para que assim eles cheguem à unidade perfeita»⁶⁹. «Aqueles que me deste quero que, onde Eu estou, também eles estejam comigo»⁷⁰ no cumprimento da tua Promessa...

Ó Promessa da Nova Aliança que faz do homem Deus, porque Deus se faz Homem! Ó mistério incompreensível para a mente humana! Como poderá vislumbrar esta o que o homem é por sua inserção em Cristo diante de Deus e pela Promessa do mesmo Deus ao homem?

Agora entendo mais ainda porque a Igreja é tão Senhora, tão eterna, tão divina, tão imperturbável, tão inabalável como uma torre fortificada; porque eu ao lado dela me vejo tão pequenina ainda que amparada. Agora compreendo o silêncio de Deus diante do aparente fracasso da Igreja; e porque Deus não muda nem se altera pelo pensamento ou o atuar dos homens: Ele olha desde o alto e ri dos «pensamentos dos homens», porque «são apenas um sopro»⁷¹.

E por isso, eu pequenina, quando a Igreja mostra-me sua grandeza, com seu triunfo desfruto, e quando me mostra o seu aparente fra-

⁶⁶ Ef 2, 5-6

⁶⁷ Jo 17, 11

⁶⁸ Jo 17, 22

⁶⁹ Jo 17, 23

⁷⁰ Jo 17, 24

⁷¹ Sl 93, 11

casso, com sua tragédia sinto-me morrer; porque sou tão pequenina, que só posso viver o que Deus, por partes, mostra-me dela, e assim a vou vivendo e manifestando segundo me vai sendo manifestada.

Pelo qual hoje, ao mostrar-me Deus a Igreja como cumprimento das suas promessas e realização dos seus planos, ao mostrá-la a mim como a Promessa perpetuada d'Ele ao homem, na sua realidade divina e humana, gozo com a imutabilidade da minha Santa Mãe, com sua santidade, com sua fortaleza, com a plenitude da divindade que encerra; e sofro com a fragilidade de seus membros, com os «não» dos homens ao Criador, com a deformação em que, através de suas próprias imperfeições, a manifestam. Gozo com o triunfo do Eterno por meio da sua Promessa, e sofro com o fracasso do homem que, não aceitando essa Promessa, pode perdê-lo novamente para sempre.

E, ao ver como apresentam a Igreja os que não vivem sob o pensamento de Deus nem orientados pela sua Promessa, meu coração agita-se em meu peito; pois, arrastadas por essa rajada de confusão, talvez muitas almas simples cheguem a rebelar-se ou a opor-se, em alguma coisa, também ao pensamento divino que se nos manifesta na Igreja por meio de Pedro.

Pelo que gemo com gemidos que são inenarráveis, e como no ano de 1963 repito: «Entre

o pórtico e o altar chorem os sacerdotes e as virgens do Senhor»⁷², clame e implore todo aquele que se sinta Igreja, para que os filhos da Promessa não sejam arrastados pela confusão atrás do vozerio inumano dos que a esbofeteiam, correndo enlouquecidos sob o impulso de falsos pastores, «vestidos com pele de ovelha»⁷³ e manso cordeiro, que poderiam levá-los à destruição, para eles, da Promessa de Deus ao homem.

E por isso, com Cristo, com Maria, com a Igreja e com o Papa, deve-se clamar que, ainda que estejamos no meio do mundo, Deus nos livre do mal, para que não caiamos na confusão.

Obrigada, Senhor, de que a tua Promessa tenha sido cumprida, apesar da volubilidade dos homens! Obrigada de que Tu mesmo te tenhas feito Promessa, de que Tu mesmo sejas a Aliança de Deus com o homem, e que Tu mesmo estejas em mim e eu em Ti como o Pai e Tu estais um no outro na união do Espírito Santo.

Obrigada, Senhor, de que seja o Espírito Santo o mesmo que te une a Ti com o Pai no abraço eterno da sua eterna Caridade e o que une o homem contigo, para que, pelo mistério

⁷² Cf. Jl 2, 17

⁷³ Mt 7, 15

da Encarnação, seja uno em Ti e comigo em seu mesmo abraço, em seu mesmo fogo, em seu mesmo ímpeto infinito e na mesma união com que o Pai e Tu vos unis!

E obrigada de que tudo isso se realize no seio de Maria, para que sua Maternidade divina comunique-me com coração de Mãe a Promessa do mistério da Nova Aliança que n'Ela se nos dá...!

Obrigada, Senhor, pela tua Promessa cumprida na Igreja! Obrigada de que eu seja Igreja, e, portanto, filha de tua Promessa! E obrigada, Senhor, de que a tua Promessa seja cumprida em mim...!

Obrigada porque há muitos membros em tua Igreja que aderem à tua Aliança! E obrigada, Senhor, porque, no final dos tempos, Tu mesmo em pessoa virás a recolher os filhos da eterna Aliança que voluntária e livremente queiram aderir à tua Promessa!

Meu espírito hoje está terrivelmente oprimido pela contenção profunda do mistério que descobri; e por mais esforços que fiz, ao querer expor o que meu ser concebe da imensidade, extensão e largura da doação de Deus ao homem, não pude dar forma à filigrana de amor que a magnitude do seu plano realizou em comunicação para com a criatura.

Quero acabar e não posso, porque, apesar de ter dito o que disse, tenho dentro de mim um lamento que me diz: Como vou acabar sem ter manifestado o que tenho que dizer? Como vou introduzir-me novamente no silêncio sem expressar meu segredo? Como, depois de ter aberto meus ferrolhos, vou fechar novamente suas portas, sem tirar todo o manancial como infinito que em meu peito se encerra? Como poderei conter o lagrimar da Igreja no meu interior, sem que jorre o néctar abrasador de seus perfumes pelas cavernas do meu peito, sem destilar para fora o seu aroma? Como poderei conter o que não se pode conter, dizer o indizível, explicar o inexplicável...? E, como poderei não o dizer se o tenho, se sou Igreja e o Eco diminuto desta santa Mãe, para cantar suas infinitas riquezas?

Por isso, diante da impossibilidade de descobrir a profundidade transcendente do mistério que encerro, minha alma voltará ao silêncio, fechará as portas de suas cavernas, oprimirá o gemido do seu coração, afogará o hálito da sua boca, e esperará. Esperará «contra toda esperança»⁷⁴! na promessa que Deus, por ser Igreja, também lhe fez para a Igreja; e que, por não ser recebida pelos membros desta santa Mãe, sente-se oprimida e como esmagada, em espe-

⁷⁴ Rm 4, 18

ra, dia após dia, noite após noite, do cumprimento da promessa de Deus sobre ela e, por ela, na Igreja.

Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor, por não poder dizer o que encerro, e assim ter alguma maneira de poder oferecer o mais que pudesse ter em minha vida para que a Promessa de Deus seja cumprida totalmente na Igreja!

16-6-1975

CONTRASTES

Sofre minha alma afligida
na profundidade do meu peito,
e lateja meu coração
em amores do Imenso.

Guardo em silêncio as vozes
que me perfuram, ferindo,
em queixumes do que amo,
com torturantes tormentos.

Profundezas de meus vulcões...!,
guarde o mistério o segredo
de Deus que rompe em queixumes,
escondido em meus encerros.

Contrastes de vida e morte,
mistério de terra e céu;
labaredas de amor puro,
gelos de noites em dós:

Deus que me abrasa em suas chamas
ao longo do desterro,
enquanto a terra me fere
com o frio de seus gelos!

Silêncio, segue ocultando
quanto gemo no meu interior:
Dias carregados de glória...!,
noites geladas de inverno...!

**PROMESSA CUMPRIDA
DE DEUS AO HOMEM
NA NOVA E CELESTIAL JERUSALÉM**

*Do livro «Frutos de oración»
(«Frutos de oração»)*

761. Quem poderá romper a Promessa da Nova Aliança de Deus com o homem –prometida a Abraão e à sua descendência para sempre e anunciada pelos santos Profetas– destruindo a Igreja? Quem possa separar Deus e o homem, em Cristo; quem possa conseguir romper o Cristo do Pai, Deus-Homem. E como isso não é possível, aí está o Cristo glorioso e imortal, com os braços estendidos para abraçar a humanidade. (22-1-76)

759. À semelhança de como a natureza humana e a divina se unem na pessoa do Verbo, assim, entre o Corpo místico e a sua Cabeça, realiza-se uma união tão íntima e divina, que é a Santa Mãe Igreja, o Cristo Total de todos os tempos. (22-11-68)

768. O mistério de Cristo com toda a sua realidade, terminado em sua infinita perfeição, segundo os planos de Deus feito Promessa de Aliança eterna, perpetua-se no seio da Igreja, e

é mostrado e comunicado aos homens na mesma Igreja, nova Sião, no tempo ou circunstância que cada um necessita vivê-lo e possuí-lo. (15-9-74)

754. Um manto real de sangue envolve minha Igreja Mãe; um manto real que seu Esposo, Cristo Jesus, doou-lhe no dia de suas bodas eternas, já que, enlouquecido de amor por ela, deu-lhe como presente seu sangue divino, com o qual pudesse perdoar e divinizar todos seus filhos. (14-11-59)

743. És toda formosa, Filha de Jerusalém; estás engalanada com a Santidade infinita de Deus que te envolve, penetra e satura, tendo em ti, por Cristo, «todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento»¹ de Deus. (21-3-59)

750. Igreja minha, o Pai te dá sua Palavra para que te abra seu seio amoroso, o Verbo te diz, num romance de amor de inédita ternura e infinita misericórdia, todo o segredo da vida eterna, e o Espírito Santo te abrasa em seu fogo, depositando em ti seus tesouros e carismas, para que, por meio de ti, as almas vivam sua filiação divina e metam-se no Seio do Pai. Igreja minha, que formosa és!, quanto te amo! (21-3-59)

¹ Cl 2, 3

744. Deus do meu coração, enlouqueceste-me de amor com a formosura do teu rosto, que me se mostra através da minha Igreja santa repleta e saturada de Divindade! (5-11-76)

741. És tão formosa, Igreja minha, que jamais poderei dizer nem cantar a alegria, a grandeza e a perfeição que em teu seio se encerra. (15-9-63)

« Sou o Eco da Igreja
e a Igreja é minha canção,
a nova Jerusalém
que o Senhor nos prometeu
na plenitude do tempo;
segundo a restauração
do Messias prometido
que, abrindo o Seio de Deus,
encaixou-nos para sempre
no plano do Criador,
para que o possuíssemos
em luz de clara visão;
olhando-o com seus «Olhos»
e cantando-o na sua Voz
no Amor infinito
de quem nos regenerou
para fazer-nos filhos seus,
fruto da redenção
do seu unigênito Filho
para a restauração
daqueles planos eternos

de quem só nos criou
para que o possuíssemos;
sendo em participação
herdeiros da sua glória,
seu Povo em perpetuação,
filhos da Mãe Igreja,
da celestial Sião.

Sou o Eco da Igreja,
e a Igreja é minha canção. »

16-7-2000

773. Que grande é a Igreja, Promessa cumprida da Nova Aliança, perpetuação viva e vivente de Cristo conosco, contenção de seu mistério, e doação de todo Ele aos homens, em todos e cada um dos momentos da sua existência! (25-10-74)

770. O mistério da Mãe Igreja é tão rico, vivo e vivificante, que me une diretamente com Cristo por meio da Liturgia, prescindindo do tempo e cortando a distância, com a entrega, nos dias da minha peregrinação, de quanto Ele é, vive e realiza; sendo capaz também de pegar-me e transladar-me ao tempo de Cristo, para fazer-me viver e beber diretamente no manancial do seu lado aberto. (15-10-74)

774. Por minha inserção em Cristo vivo enxertada com o Pai e o Espírito Santo com os

homens de todos os tempos, com os bem-aventurados e com a Igreja purgante. Mistério que se realizou no dia da Encarnação nas entranhas de Maria, consumou-se na crucificação, morte e ressurreição, sendo perpetuado por meio da Liturgia, onde se nos dá, através da maternidade da Virgem, todo o mistério do Cristo Universal. (13-7-66)

756. Assim como o Espírito Santo é quem, circundando a Igreja em seu fogo e acendendo-a nas suas chamas refrigerantes, a fez rebentar em amor divino e expressão cantora do Infinito, assim a minha Igreja minha é a que, durante todos os séculos, acendida nessa mesma chama, dá-nos todo o amor do Coeterno que ela tem em seu seio recebido de Jesus e de minha Mãe Imaculada, com coração de Pai, canção de Verbo e amor de Espírito Santo. (29-9-63)

757. Ó que formosa é Maria...! Mas se ainda é mais rica a Igreja...! porque em sua Cabeça é o Unigênito de Deus, o mesmo Verbo da Vida encarnado, que tem consigo o Pai e o Espírito Santo, com Maria como Mãe de todos os homens. (20-3-59)

« É branca Maria
como nunca pensara,
com os resplendores
que envolvem sua alma.

Deus a está beijando
em ternura tanta,
que é Beijo de glória
sua entranha sagrada.

Finuras de Imenso
nela plasmadas,
com doces arrulhos
de Amado e amada...

Penetra a Virgem
em brisa calada
o Beijo de Deus...

Mistério que esmaga! »
23-12-1974

755. É o Espírito Santo o Amor que impulsiona o Pai e o Filho em sua doação à Igreja, o Amor que a envolve, penetra, satura e enobrece; e é o Amor mediante o qual realizou-se a Encarnação nas entranhas puríssimas de Maria, que é a expressão da fala de Deus aos homens em urgência eterna de comunicar-se-nos. (15-9-63)

766. Igreja minha, Cristo bendito do Pai, Sacerdote eterno, sangrento no tempo e glorioso na eternidade...! (22-1-76)

763. Cada dia compreendo mais Jesus desconjuntado, dolorido, e prolongando-se em seu

Povo, a Igreja santa; ela é a perpetuação do Cristo do Pai durante todos os tempos; Sacerdote eterno e, por isso, vítima dilacerada. (20-1-76)

762. Os homens puxam Cristo, uns para um lado e outros para outro desconjuntando-o e rasgando seus membros com dores terríveis que repercutem em todo o Corpo, Cabeça e membros. Mas não o romperão, porque é a mesma Divindade que se uniu com o homem em união indissolúvel de amor infinito e Aliança eterna! (22-1-76)

764. Como me custa, Jesus, ver-te sofrer tanto durante toda a tua vida e, em teu Corpo místico, durante todos os séculos! A Igreja é Cristo com toda a sua descendência diante do Pai, no transcurso dos séculos. (22-1-76)

« Não resisto por mais tempo, Jesus meu,
a teus queixumes em meu seio,
sem consolo, reprimidos.

Não resisto aos lamentos de tua alma
ofegante,
que me pede de maneira queda,
em meu peito delirante,
que console teus gemidos.

Não resisto ao teu olhar transparente,
que, nublado pela dura incompreensão
dos teus ungidos,
adentra-se em minhas pupilas docemente,
exigindo, do meu dom, amor rendido.

Não resisto a que se abrasem tuas entranhas,
na urgência torturante de quem ama,
sem resposta do amante,
e tendo-te em nostalgias de opressões contido.

Não resisto por mais tempo –Esposo meu,
Tu o sabes–
as urgências da tua glória,
reprimindo, do meu peito, tuas batidas,
sem saber eu mais que amar-te,
Dono meu.
Tu conheces os porquês de quanto encerro,
pois me feriste com a marca do teu ser em
minhas entranhas,
para fazer-me tua testemunha.

E assim vivo entre penares e em agônicos
queixumes,
exigindo, com urgências clamorosas,
a resposta que, a meus dons, Tu reclamas
dos meus.

Não resisto por mais tempo aos teus lamentos
em minha profundeza retidos,
rodeada por todas as partes
da dura incompreensão na que gemo.

Não resisto ao longo do desterro!,
em meu duro caminhar,
por mais tempo a inconsciência dos teus
e dos meus.

Não resisto por mais tempo às tuas urgências;
bem o sabes, Jesus meu! »
5-9-1975

765. Quando necessitemos consolar a Igreja,
consolemos Cristo; quando a queiramos escu-
tar, escutemos Cristo; e quando a queiramos amar,
amemos nosso Cristo. Nosso Jesus é a
Cabeça e o Coração da Igreja, a vida dela; por
isso, quem conhece Jesus, conhece e ama a
Igreja, e, porque ama Deus, agoniza pela Igreja.
(20-1-76)

810. Vivo morte em vida porque a nova Jeru-
salém está de luto, dilacerada e chorosa, pela
confusão que se filtrou nela. (28-2-66)

811. Eu não quero que se desconjunte a Igreja
numa arrepiante tortura que a faz jorrar sangue
pelos seus membros vivos...! Eu não a quero
ver assim, escutando desde longe a zombado-
ra gargalhada dos soberbos perseguidores da
minha Igreja santa, do meu Cristo Total! Eu sei
sua perpetuidade, sua indissolubilidade, e tam-
bém sei que Deus está em zelo pela glória da
sua Amada. (20-1-76)

823. A Igreja hoje, como Jesus aos Apóstolos, nos diz: «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação»². (17-12-76)

« Prostrada a teus pés,
te peço adorante,
meu Jesus excelso,
que me comuniqués
o segredo oculto
que encerra teu peito...

Eu sei que estás triste,
porque o pressinto,
e que estás ferido
nas horas longas
que envolve o mistério:

Séculos de sacrário
que oculta o Deus vivo
em seu encerro
com as aparências
de rude alimento...!

Palavra infinita,
canções de Verbo,
Melodia eterna,
Fruto do Imenso...,
dá-me teus penares!,
estes que te afligem
em noites de dós,

² Mc 14, 38

estes que Tu ocultas
atrás de véus.

Igreja sangrenta,
estás dilacerada,
cobrindo tuas jóias
com um manto preto...

Por que estás de luto,
sendo-te a Esposa
do Deus dos céus...?!

Por que enrouquecida
escuto tua voz
e ouço teu lamento
atrás dos queixumes
de tua marcha em dó...?:

Que morrem teus filhos
pela confusão
que pôs o Soberbo
em teu seio!!!

Mistério que aterra
a glória do Céu!!

Por que sofre Cristo
clamando ao Imenso
nas agonias de um Horto...?

Está jorrando
de sangue seu corpo...!

Seus poros se abrem,
em dito cruento,
e rompe cantando
por todo seu ser
a Glória infinita
do Céu...!

Cânticos de Sangue
em poros abertos...!
Todo está sangrando
o Amor eterno,
sendo Redentor,
clamando no Horto...

Que tens, Jesus...?
Diz-me teus mistérios!:

Igreja chorosa
desabada em dó
pedindo-me ajuda,
amor e desvelo...

Rosto dolorido
coalhado de lágrimas
que implora consolo...

Por que está chorosa
a Esposa
do Deus dos céus...?

Soberba que triunfa,
homens deste solo...

Deus cala e espera
seu triunfo certo.

Por que cala Deus...?
Está emudecido
o Eterno.

Ele sabe esperar,
e amando os seus,
vence no mistério
da sua ocultação
as mentes confusas
em seus pensamentos.

Diz-me teus penares!,
conta-me teus dóis!,
descansa em minha profundidade
já que algo compreendo,
sob os arrulhos
que envolve o silêncio,
do penar sagrado
de teu encerro...

Sei que se Tu calas,
é porque és BOM,
e esperas paciente
a volta de todos teus filhos
ao teu peito aberto...

A mente do homem
não entende o mistério
de tuas horas longas
em silêncios quedos...!

Fala, Jesus meu,
diz-me teus penares...
Eu escuto, e espero... »
15-11-1973

825. A Filha de Sião aparece jogada, como Cristo em Getsêmani, mas não por isso fracassada nem afundada, não! O Pai a sustenta com o poderio do seu braço, porque a sua real Cabeça é seu Filho muito amado em quem tem postas todas as suas complacências. (22-12-74)

826. Gozemos! A nova Jerusalém levantar-se-á da sua prostração, como Cristo, e, com a força do seu poder e o esplendor da sua beleza, repleta de Divindade, será nossa glória e o orgulho do nosso coração. (22-12-74)

828. Se no nosso tempo a Igreja aparece dilacerada, como Cristo em Getsêmani, no dia eterno a veremos gloriosa, repleta de gozo e de Divindade, com todos seus filhos no abraço do Espírito Santo. (22-12-74)

23-12-1982

EU APERCEBO O MISTÉRIO

Em minha alma lacrada por um profundo segredo,
eu apercebo o Mistério:
O mistério divino e humano,
o mistério de Deus entre palhas,
que nos diz em romances de amor,
sem palavras,
sendo Ele a Palavra infinita,
seus amores eternos...!

Num pobre portal, com Maria e José,
nasce o Filho de Deus que a Virgem levou
um Advento em seu seio,
abrasada no fogo infinito do Espírito Santo
e beijada por Ele com seu Beijo.
Eu apercebo o mistério,
sem podê-lo dizer em meu modo pequeno
e rasteiro...!

Eu apercebo o mistério
de que o Pai pronuncie, em seu seio divino,
a Palavra infinita
que a Ele lhe expressa em romances de amor,
como eternos concertos,
o seu *ser-se* Aquele que É por seu ser,
sem princípio e sem fim, coeterno...

Eu apercebo o mistério
do dizer infinito de Deus Pai aos homens
em humilde presépio e na noite sagrada
de um profundo e secreto silêncio...

Deus prorrompe, em seu seio,
em Palavra canora,
para si, em seu Filho infinito,
por sua boca de fogo, em seu Verbo.
E aquele que é «Aquele que É»³, possuído
e sem tempo,
se nos vem em humilde portal
a dizer-nos, com palavras de aqui
e no modo simples de um Menino,
o caminho seguro e perfeito
para ir para Ele sem tropeços.

Eu intuo o Mistério...
E apercebo o porquê do seu modo de ser,
porque vi, num dia de céu,
essa união que se realizava
entre o Deus infinito e o homem,
pelo dito do Pai coeterno,
no seio virginal de Maria,
que se abriu à voz do Imenso
no Beijo infinito do Espírito Santo,
que, ao beijá-la, cobriu com sua sombra
o mistério divino da Encarnação,
no modo sublime e simples

³ Ex 3, 14

que Aquele que É por seu ser
em seu imenso poder pôde fazê-lo.

E eu sei como é, ou, melhor, eu o vi!
aquele dia de fogo,
no lume infinito que me deu a sapiência de Deus,
num toque tão bom,
que fiquei sem saber, e sabendo,
o mistério da sua união com o homem
no seio bendito da Virgem Maria,
que em Mãe rompeu, sendo Virgem,
pelo beijo infinito do Espírito Santo em seu vôo.

Eu já sei como é a Promessa da Nova Aliança
que realizou-se no mistério
de Deus *ser-se* Aquele que É por seu ser
sem princípio e sem tempo,
e entregando-se ao homem, sendo amor infinito
que, encarnado, beijou-nos num Menino
com seu Beijo de fogo,
tão simples e sagrado,
tão humilde, tão divino e tão bom.

E agora nasce em Belém, entre palhas,
Emanuel, em humilde presépio,
com José e com Maria adorando em silêncio,
porque sabem o mistério de Deus feito Homem,
no modo que Ele mesmo quis introduzi-los
na eterna sapiência do Jesus pequenino,
que, chorando, diz-nos seu amor na terra
com os modos daqui, na noite fechada
de inverno,

sendo o Sol infinito em eterna clemência
e em seus lumes candentes de fogo.

Eu não posso dizer como é o que vi
na união que se realizou
quando o Verbo já é Homem,
quando o Homem já é Deus,
e ficou no silêncio
da entranha sagrada da Virgem Maria,
e ocultou-se algum tempo no seu seio de Mãe,
que cobria o Espírito Santo em arrulho
de amores
com seu Beijo de fogo.

E agora nasce num pobre portal o Jesus
miudinho,
prometido aos homens, o Messias de Deus,
que, acessível, e tão terno!
descobre-nos seu amor. Ó terrível mistério!

E já chora em Belém...!
E eu sei porque foi, desta noite, o mistério,
ainda que nunca direi com palavras criadas
o que eu compreendi naquele dia com a luz
dos céus.

Eu te adoro, Jesus pequenino,
meu Deus infinito feito Homem e oculto
entre véus!,
com respeito e amor, com carinho e ternura,
e te beijo num beijo de entrega total,

no meu modo de ser, tão pequeno,
tão pobre e de tanto segredo!

Mas, eu sei como é o portento de Deus
feito Homem
e nascendo num pobre portal,
envolvendo a noite o Mistério...!!

Ó feliz Natal!
onde Deus se nos doa,
feito Menino num pobre portal,
entre palhas, por amor e em silêncio,
qual Promessa cumprida de Deus
e anunciada a seu Povo.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia